



DO ÓPIO DO POVO AO RE-ENCANTAMENTO DO MUNDO: RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE EM MARX E WEBER

RELIGION AND RELIGIOSITY BY MARX AND WEBER

Eduardo Mara¹

RESUMO

Este artigo pretende realizar uma análise crítica do papel da religião nas teorias clássicas das Ciências Sociais a partir das obras de Marx e Weber. Buscamos entender, em particular, a relação entre religião e *desencantamento do mundo*, ou seja, a influência da racionalidade capitalista nas religiões mundiais e o potencial crítico destas em relação ao mundo dos homens. Acreditamos ser importante um retorno a esses autores para entendermos o papel que o discurso religioso ocupa hoje na militância dos movimentos sociais e seu potencial mobilizador para a mudança social.

Palavras-chave: Sociologia da Religião. Clássicos da Sociologia. Movimentos Sociais.

1 INTRODUÇÃO

A religião continua sendo um dos temas mais instigantes nas Ciências Sociais. Herdeira do século das luzes, as Ciências Sociais nascem marcadas pela distinção, num primeiro momento, entre religião e filosofia e, depois, pela separação entre estas e a ciência, processo que tem como resultado a adoção da ciência como forma de conhecimento dominante e o conseqüente isolamento das religiões como formas marginais desse conhecimento.

Como homens de seu tempo, os autores clássicos das Ciências Sociais terão esse cenário como ponto de partida para a análise do papel da religião na sociedade moderna. Neste trabalho, optamos pela análise das obras de Marx e Weber, pela forma peculiar e distinta como esses autores abordam a relação entre o ascenso do capitalismo e o fenômeno religioso, e pelo alcance histórico de suas teses.

¹Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná. Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A necessidade do retorno a esses autores se daria por uma espécie de “eco” (bastante presente nos corredores das Ciências Sociais) que tende a resumir a compreensão dos autores a máximas e frases feitas. De um lado, a compreensão marxiana da religião se resumiria à famosa citação da religião como o “ópio do povo”, uma ilusão, cegueira ou fuga da realidade. De outro, o esforço de Weber na compreensão das religiões mundiais teria como síntese apenas a funcionalidade da Reforma e da ética protestante para o espírito do capitalismo.

Se considerarmos o retorno das religiões orientais pelas mãos dos movimentos libertários da década de 1960 e a influência da Igreja Católica nos movimentos populares, com o surgimento da Teologia da Libertação na América Latina, então seríamos forçados a admitir a incorreção e defasagem dessas teses.

Acreditamos, no entanto, que a atualidade dos clássicos não se justifica pela possibilidade de aplicação de suas teses a quaisquer fatos isolados, mas pelo seu potencial de compreensão do movimento do real. Acreditamos, assim, ser nos próprios autores o melhor lugar para procurarmos a superação dessas impressões iniciais.

2 RELIGIÕES E DESENCANTAMENTO DO MUNDO

A racionalização dos processos da vida cotidiana é talvez o tema mais central e permanente nas obras de Weber. Seu ensaio, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, não é senão um momento de um estudo bem mais amplo sobre o impacto da racionalidade moderna nas diferentes práticas religiosas. Para o melhor entendimento desse ensaio, consideramos ser necessário, assim, nos reportar a outros dois artigos, bastante complementares: *A Psicologia Social das Religiões Mundiais e Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções*.

O local e a forma do surgimento das diferentes religiões parecem influenciar seu desenvolvimento e sua relação com o mundo dos homens. Weber diferencia o cristianismo por seu nascimento urbano: trata-se de uma religião estreitamente ligada à *polis* ocidental e, portanto, muito mais influenciada pelas forças que a compõem. Além disso, o desenvolvimento da religiosidade fixada na figura de um redentor já pressupõe uma visão mais racional do mundo. O redentor é a ponte entre um plano supramundano e o plano terreno. Cristo era, ao mesmo tempo, Deus e homem. O anúncio de seu retorno funciona como garantia de futura boa sorte nesse mundo ou segurança de felicidade no outro (WEBER, 1982, p.193). Daí a importância dada por

Weber às mudanças no cristianismo enquanto religião de salvação, trazidas a partir da Reforma Protestante, e seu impacto na formação de uma ética consoante ao espírito do capitalismo.

Mas, se as transformações do cristianismo, com o ascenso de uma ética puritana, puderam fornecer um importante combustível à empresa capitalista, reconciliando a religião com o mundo dos homens e servindo de justificativa das desigualdades do mesmo, tais transformações surgem antes de uma renúncia ou rejeição do mundo, traço apontado por Weber como o mais comum entre as religiões mundiais.

A atitude do ascetismo engajado no mundo surge em oposição à atitude contemplativa, típica do misticismo. Enquanto para a primeira a conquista da salvação encontra-se diretamente ligada à ação do devoto, como instrumento de Deus na terra, para a segunda, o devoto é um recipiente do sagrado (“possessão pelo sagrado”) que busca a salvação se isolando e se colocando à prova “contra” o mundo (WEBER, 1982, p. 228). A tensão com o mundo, no entanto, será encontrada em ambas, sendo maior se maior for o peso dado à crença na salvação futura, expressando-se em diferentes esferas da vida em sociedade.

A crescente racionalização das esferas econômica e política, com a impessoalidade e com a frieza cega do poder e do dinheiro, entra em rota de colisão com os ideais de amor e fraternidade típicos das religiões redentoras. O conhecimento intelectual entra, evidentemente, em choque com a religião sempre que funciona como motor do *desencantamento do mundo*, reduzindo todos os fenômenos a relações de causa e efeito.

É importante notar a relação de tensão diferenciada apontada entre a religião e as esferas erótica e estética. Ao contrário da política, da economia e da ciência, a arte e a sensualidade não se encontram do lado oposto ao da religião: sua tensão reside em seus efeitos similares. Assim como a religião, a arte e o erotismo fornecem resistência ou contraponto à racionalidade instrumental, aos mecanismos de desencantamento do mundo.

A ética puritana surge, assim, como mecanismo de atenuação das tensões, como mecanismo de reconciliação da religião com o mundo. Daí também seu efeito de justificativa ideológica, transformando a ordem social em vontade divina e sua aceitação em pré-condição para o melhor exercício da vocação herdada por Deus.

Embora tanto no início como no final de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber deixe claro sua intenção de não “substituir uma interpretação

causal materialista unilateral por outra interpretação espiritual, igualmente unilateral da cultura e da história” (WEBER, 2007, p.141), o surgimento de uma ética protestante baseada na idéia de *vocação* aparece, por vezes, como causa direta do desenvolvimento capitalista. Para nós, a solução do impasse entre os dois princípios de causalidade consiste, não em descartar a explicação materialista como simples relação de determinação, mas em um retorno crítico ao materialismo histórico como teoria da totalidade, que pressupõe uma relação dialética entre o “espírito” e o mundo, entre a vida material e a consciência: onde, se às relações materiais correspondem certo conjunto de idéias, certas idéias que podem também converter-se em forças materiais, forças de mudança das relações existentes.

A própria análise de Weber parece fornecer elementos para uma interpretação deste tipo: a busca de salvação se expressa, em um primeiro momento, no misticismo das religiões, como renúncia monástica do mundo, como fuga do mundo. A racionalidade moderna, como força de desencantamento do mundo, isola essa recusa mística no plano do “irracional”, criando um processo de racionalização das próprias religiões. É importante notar, aqui, a semelhança, em Weber, na análise dos diferentes processos de racionalização da vida moderna. Esses parecem ter um efeito de separação generalizada: na economia, entre trabalhadores e meios de produção; na política, entre funcionários e meios de administração; na religião, entre os fiéis e os meios de acesso ao sagrado, com a criação de uma hierocracia que monopoliza a administração da igreja (WEBER, 1982, p. 199). A relação entre a ascese protestante e uma ética de tipo capitalista seria o estágio mais avançado desse processo.

Ora, no momento em que as contradições geradas no seio da modernidade trazem à tona a crise na crença da positividade da razão, não seria de se estranhar um retorno daquela recusa mística do mundo, embora não mais na forma de um isolamento monástico, mas como um engajamento prático pela mudança do mundo. Redenção religiosa e utopia social se encontrariam, então, numa síntese criativa e com grande potencial explicativo frente à diversidade do fenômeno religioso nos dias atuais.

Para qualquer um que queira testar tal hipótese, no entanto, torna-se necessário um retorno crítico à teoria social que mais influenciou os rumos da utopia em nossa época histórica. Torna-se necessário um retorno não só ao que “Marx disse sobre a religião”, mas sobretudo, às possibilidades que seu método ainda guarda para a análise da relação entre religião e mudança social.

3 A RELIGIÃO COMO RESISTÊNCIA

A religião como o “ópio do povo”, como uma forma de auto-ilusão ou de alucinação coletiva tem sido, freqüentemente, o resumo da concepção de Marx sobre a religião. Fora de contexto, entretanto, a citação parece não fazer jus ao sentido empregado por Marx:

A religião é o suspiro do ser oprimido, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. O banimento da religião como felicidade ilusória dos homens é a exigência de sua felicidade real. O apelo para que abandonem as ilusões a respeito de suas condições é o apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões (MARX, 2001, p. 45-46).

A religião pode, assim, ser ao mesmo tempo progressista e conservadora. Ela é uma forma resignada de protesto contra o real. A visualização de um horizonte ilusório, expresso pelo “paraíso celestial”, funciona como um combustível de esperança no percurso do fiel pelo “vale de lágrimas” do real: a religião aparece como *resistência*. Mas esse “paraíso”, por ser transferido para um plano metafísico, afasta o sujeito das possibilidades de mudança do real, levando a uma aceitação passiva desse real. Daí que o bom cumprimento das regras deste mundo possa ser, para a ética protestante, o melhor caminho para o paraíso: afirmar esta realidade é o melhor caminho, ao menos no pós-morte, para livrar-se dela. De qualquer forma, a religião acaba aparecendo para Marx como expressão da “falta de consciência-de-si dos homens”, expressão de uma realidade distorcida. O brilho do paraíso celeste cega a criatura diante de suas condições reais e históricas de exploração e miséria.

Para Rubem Alves, essa concepção é fruto do próprio método de análise de Marx. A conhecida “metáfora do edifício”, ao exprimir uma relação de determinismo econômico entre base e superestrutura, retiraria toda a autonomia do campo das idéias (e, portanto, também da religião), negando a estas últimas qualquer capacidade de intervenção sobre o real.

Não vamos entrar aqui nas intermináveis polêmicas sobre método no campo do marxismo. O que nos chamou atenção apenas foram as obras utilizadas por Rubem Alves em seu *O Suspiro dos Oprimidos*, para chegar a essa conclusão. Em especial, a introdução à *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* e a *Ideologia Alemã*. Ora, a preocupação central de Marx nesses dois textos parece ser não somente a relação de determinação entre o meio material e as idéias, mas também e

principalmente, os processos nos quais as idéias podem converter-se em forças materiais. A principal crítica de Marx à filosofia alemã era a ausência de relação entre teoria e prática. A Alemanha queria atingir o nível oficial das nações modernas na teoria sem atingi-lo na prática. A preocupação de Marx era como a teoria poderia, ao apoderar-se das massas, tornar-se fio condutor da mudança das condições materiais, superando a própria filosofia, já que “é impossível extinguir a filosofia sem a realizar”².

É sintomático que o passado *revolucionário* da Alemanha, no qual Marx baseia suas conclusões, seja, justamente, o da Reforma: “assim como aquela revolução se originou no cérebro de um religioso, hoje se origina no cérebro do filósofo”³.

Ao invés da independência das forças históricas em relação à consciência, o que encontramos aqui é a centralidade do surgimento de uma nova consciência para a “*realização da própria causa*”⁴. É claro que o surgimento dessa nova consciência não se daria por geração espontânea, seria necessária certa atmosfera para gerá-la. Em Marx, essa atmosfera nos é dada pela idéia de *revolução*, daí a forte presença de uma teoria da revolução nas obras de juventude de Marx. A revolução é necessária não só por ser a única forma de derrubada da classe dominante, mas porque “*a classe que a derruba só numa revolução consegue sacudir dos ombros toda a velha porcaria e tornar-se capaz de uma nova fundação da sociedade*”⁵.

Ao não perceber o potencial utópico e as próprias semelhanças históricas entre socialismo e cristianismo, Marx acaba identificando o pensamento religioso como parte da “velha porcaria” a ser sacudida para fora da consciência. Mas este erro não está, como vimos, contido em seu método de análise do real, mas antes nas características do próprio real à época de Marx. Embora fosse perceptível certo potencial crítico da religião, esse potencial não era expresso na práxis religiosa de sua época. Tanto o misticismo quanto as religiões ascéticas eram, em sua essência, conservadoras: as primeiras por certa nostalgia pelo seu passado feudal; as segundas por sua afirmação e defesa de uma ética capitalista. Seriam necessárias outras mudanças no seio da modernidade para libertar esse potencial utópico das religiões das amarras do presente e do passado, apontando-o para o futuro, não apenas num “plano celestial”, mas trazendo o “paraíso” para o mundo dos homens.

² MARX, 2001, p.51

³ Id.

⁴ MARX e ENGELS, 1984, p.47

⁵ Id.

4 A DIALÉTICA DAS LUZES E O RE-ENCANTAMENTO DO MUNDO

A crescente intelectualização da vida cotidiana não significa um maior conhecimento sobre nossa realidade, mas, principalmente, “a crença em que, se quiséssemos, *poderíamos* ter esse conhecimento a qualquer momento”⁶. Trata-se menos de conhecimento sobre a realidade do que de controle sobre o real. Weber chama esse processo de desencantamento do mundo porque esse domínio sobre o real já não necessita de meios mágicos ou da autoridade dos espíritos para se fazer valer.

Como vimos, também as religiões sofrem a influência desse processo. Não mais o isolamento ou a renúncia, mas é o engajamento prático e racional nas regras deste mundo que passa a garantir o bilhete de entrada no outro. Uma religião redentora tem, no entanto, de identificar-se à crítica e à resistência a um sofrimento real. Por vezes, é não só o sofrimento de um indivíduo, mas o de comunidades inteiras que se torna objeto de redenção (voltaremos a isso).

A racionalização que desencantou o mundo perderia, também, o seu próprio encanto. Ela revelou que o sofrimento deste mundo obedecia às suas próprias regras e que estas poderiam ser quebradas. Ela revelou, de forma trágica na primeira metade do século XX (com Auschwitz e Hiroshima), que o sofrimento neste mundo não poderia obedecer à nenhuma vontade divina inexplicável, mas aos próprios mecanismos da racionalidade humana. Ela revelou, enfim, que os enfeites modernos, usados para encobrir as correntes que aprisionam a humanidade⁷, já não são as velhas “ilusões religiosas”, mas as próprias correntes, o conhecimento racional do funcionamento das correntes: acreditamos poder tornar nossas correntes mais belas pelo melhor conhecimento de sua anatomia.

Ora, no momento em que o sofrimento neste mundo deixa de ser identificado à uma vontade divina, passando a corresponder à forma histórica de organização dos homens em sociedade, a antiga renúncia mística do mundo pode retornar como força material de mudança social, fundindo utopia social e redenção religiosa. A conquista da liberdade deixa de estar identificada apenas ao domínio racional sobre o real, mas também a um processo de re-encantamento do mundo que extrapola e transforma a vivência do real.

A década de 1960 parece ser um momento chave onde a crítica das luzes e a crença no socialismo oferecem algumas sínteses criativas. É curioso que, nos

⁶ WEBER, 1963, p. 165

⁷ Para usarmos a metáfora de Marx.

movimentos libertários do final dessa década, possamos perceber certa “ciranda”, um cruzamento entre o próprio marxismo, a liberação sexual, a arte (as duas esferas apontadas por Weber, como forças “não-rationais” ou “anti-rationais”) e as religiões orientais. É também nessa década que a Teologia da Libertação, corrente do cristianismo bastante referenciada no marxismo, começa a despontar como força social importante na América Latina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, ao contrário de substituir ou abolir as religiões, o que Marx definia como a maior “consciência-de-si” dos homens e de sua dominação, parece re-significá-las. O contato entre marxismo e cristianismo na América Latina parece ter gerado, inclusive, um novo tipo de militante social, irreduzível tanto aos modelos de engajamento religioso quanto à militância política de tipo tradicional.

Entender o cruzamento entre a idéia de redenção e utopia nos movimentos sociais nos ajudaria a entender melhor o potencial crítico do discurso religioso na atualidade. Para isso, será necessário entender como, na modernidade, não apenas a coletividade pode tornar-se objeto da redenção, mas como a própria figura do “redentor” pode tornar-se um sujeito coletivo, instrumento da crítica do real e recipiente do re-encantamento do mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem Azevedo. **O Suspiro dos Oprimidos**. São Paulo: Paulus, 1999 (Coleção Tempo de Libertação 7).

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã / Teses Sobre Feuerbach**. São Paulo: Centauro, 1984.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

WEBER, Max. A Psicologia Social das Religiões Mundiais. In: WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WEBER, Max. A Ciência como Vocação. In: WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar., 1963.